

Prevenir a violência no trabalho

Recentes acontecimentos, vindos à luz do dia através da imprensa, podem servir de alerta para um fenómeno que existe em muitos locais de trabalho mas que ainda não é suficientemente assumido e devidamente equacionado por todos. Trata-se da violência no trabalho, quer física, psicológica ou moral e que, por exemplo no sector da saúde, segundo dados referidos pela comunicação social portuguesa, afecta em primeiro lugar os médicos e os enfermeiros.

Mas como esquecer outros casos como o de motoristas urbanos, reivindicando mais polícia para fazerem face a agressões de utentes, empregados de superfícies comerciais, pessoal docente e auxiliar e muitos outros?

A violência no trabalho afecta milhares de trabalhadores que, ora são vítimas dos seus superiores, ora dos colegas ou dos clientes.

A Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho assinalava, no ano 2000, que entre 4 por cento e 15 por cento dos trabalhadores em diversos países referiram terem sido alvo de intimidações, salientando que estas questões não são debatidas em todos os Estados, e o silêncio começa quase sempre pelas próprias vítimas.

Um problema de segurança e saúde no trabalho

A própria Organização Internacional do Trabalho (OIT), preocupada com a situação, promoveu o Programa SOLVE, um programa global de formação e de acção e que visa atacar em simultâneo a violência e outros problemas psicossociais no trabalho.

As consequências da violência podem ser importantes tanto para o trabalhador como para a organização. Para o trabalhador pode significar ferimentos, perturbações físicas e psicológicas e, no limite, até a morte.

As agressões físicas são de fácil identificação e, obviamente, perigosas. Quanto às agressões psicológicas e verbais, sendo continuadas, estão frequentemente na origem da ansiedade e do stresse e podem também destruir a saúde.

Para a empresa, os actos violentos físicos e psicológicos podem traduzir-se por um aumento do absentismo e rotação do pessoal, bem como pela diminuição da moral e da produtividade. Inclusive, para a segurança social e para os sistemas de saúde, o preço da violência pode ser muito alto, como aliás alguns estudos o confirmam.

Segundo a OIT, estes problemas devem ser integrados e atacados através de uma abordagem global e de uma política de empresa centrada nas necessidades de segurança e saúde do trabalho.

O fenómeno é complexo, na medida em que a violência pode ter causas que ultrapassam o local de trabalho e ter raízes na família ou/e na comunidade ou até no próprio sistema de organização dos serviços ou empresas.

Neste sentido, a OIT incentiva as organizações e, nomeadamente, as empresas, a adoptarem uma nova abordagem do problema da violência no trabalho, ou seja, uma abordagem integrada, proactiva e centrada na prevenção. Uma abordagem que não isola os problemas psicossociais mas reconhece as mútuas e complexas ligações que os unem.

Esta abordagem exige uma política global de prevenção dos riscos profissionais que integre os problemas da violência, do VIH/SIDA, das drogas, do álcool e do stresse na acção preventiva da empresa. Mais ainda, uma política que integre a não discriminação, o apoio social e a participação dos trabalhadores, com especial atenção para a informação e formação dos mesmos e seus representantes.

O impacto de todos ou alguns destes problemas na empresa será muito mais grave do que apenas o fenómeno da violência. Todavia, nas organizações fortemente marcadas por aquela existe um risco acrescido de que um ou vários daqueles problemas apareçam.

Mas, para se aplicar essa política de prevenção, é necessário organizar devidamente os serviços de segurança e saúde no trabalho, conforme estipula a legislação nacional e o normativo comunitário. Serviços devidamente estruturados e equipados com recursos humanos e técnicos, com capacidade para avaliar e antecipar as necessárias acções face aos riscos emergentes.

Para saber mais sobre esta temática e pedir apoio técnico recorra ao Instituto para a Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho, em www.ishst.pt.

António Brandão Guedes
Gabinete de Comunicação e Imprensa
Instituto para a Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho